

ENSAIO SOBRE OS ELEMENTOS DE FILOSOFIA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT

JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO LUIZ COLTRO ANTUNES – SEDI HIRANO

D'ALEMBERT

ENSAIO SOBRE OS  
ELEMENTOS DE FILOSOFIA

TRADUÇÃO  
BEATRIZ SIDOU

TRADUÇÃO DO APÊNDICE  
DENISE BOTTMANN

REVISÃO TÉCNICA  
LUIZ HENRIQUE MONZANI

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

AL25e Alembert, Jean Le Rond d', 1717-1783.  
*Ensaio sobre os elementos de filosofia* / Jean Le Rond d'Alembert;  
tradução: Beatriz Sidou e Denise Bottmann. – 2. ed. – Campinas,  
SP: Editora da Unicamp, 2014.

1. Filosofia francesa. 2. Teoria do conhecimento. I. Sidou, Beatriz.  
II. Bottmann, Denise. III. Título.

ISBN 978-85-268-1048-8 CDD 194  
121

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia francesa	194
2. Teoria do conhecimento	121

Título original: *Essai sur les éléments de philosophie*

Copyright © 2014 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1994

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
-------------------	---

### ENSAIO SOBRE OS ELEMENTOS DE FILOSOFIA OU SOBRE OS PRINCÍPIOS DOS CONHECIMENTOS HUMANOS

I	QUADRO DO ESPÍRITO HUMANO EM MEADOS DO SÉCULO XVIII.....	13
II	INTENÇÃO DESTA OBRA.....	17
III	OBJETO E PLANO GERAL.....	23
IV	MÉTODO GERAL QUE SE DEVE SEGUIR EM ELEMENTOS DE FILOSOFIA.....	29

### ESCLARECIMENTOS SOBRE OS DIFERENTES PONTOS DOS *ELEMENTOS DE FILOSOFIA*

1	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 29, 30 E 31 DESSES ELEMENTOS PELA AUSÊNCIA DE ENCADEAMENTO ENTRE AS VERDADES.....	39
2	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 33 E SEGUINTE A RESPEITO DAS <i>IDEIAS SIMPLES</i> E DAS <i>DEFINIÇÕES</i> .....	43

3	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 35 E 36 A RESPEITO DAS VERDADES CHAMADAS <i>PRINCÍPIOS</i> .....	55
4	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 35 E 36 A RESPEITO DOS <i>PRINCÍPIOS DE SEGUNDA ORDEM</i> , COMPARADOS AOS QUE CHAMO <i>PRIMEIROS PRINCÍPIOS</i> .....	59
V	LÓGICA.....	65
5	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 66 E 67 SOBRE A ARTE DO RACIOCÍNIO REDUZIR-SE À COMPARAÇÃO DE IDEIAS.....	71
6	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 68 E 69 SOBRE A <i>ARTE DE CONJETURAR</i> .....	75
VI	METAFÍSICA.....	107
7	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 109 E 110 SOBRE A ANÁLISE DE NOSSOS SENTIDOS E SOBRE O QUE CADA UM DELES EM PARTICULAR PODE NOS ENSINAR.....	125
8	ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE FOI DITO NAS PÁGINAS 115 E 116 SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE A ALMA E O CORPO.....	133
VII	MORAL.....	145
VIII	DIVISÃO DA MORAL — MORAL DO HOMEM.....	151
IX	MORAL DOS LEGISLADORES.....	161
X	MORAL DOS ESTADOS.....	173
XI	MORAL DO CIDADÃO.....	175
XII	MORAL DO FILÓSOFO.....	181
	CONCLUSÃO.....	187
	TRECHO DA ADVERTÊNCIA NO QUINTO VOLUME DAS <i>MÉLANGES DE LITTÉRATURE, D'HISTOIRE ET DE PHILOSOPHIE</i> .....	191
	APÊNDICE — ELEMENTOS DAS CIÊNCIAS.....	195

## APRESENTAÇÃO

*Luiz Roberto Monzani*

Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783) foi uma das figuras mais expressivas e acabadas do pensamento iluminista francês. Cientista de primeira ordem, sobressaiu-se especialmente nas matemáticas, em que seus trabalhos, já na sua época, colocaram-no entre as mentes mais brilhantes. Associou-se com Diderot na confecção daquela que seria, talvez, a mais polêmica e brilhante obra do Século das Luzes, a *Enciclopédia*, para a qual escreveu o célebre “Discurso preliminar”. Mais tarde se afastará do empreendimento, mas deixou inúmeros verbetes de suma importância, como os “Elementos das ciências” e “Cosmologia”, além de outros de natureza mais técnica.

Aplicou-se aos mais diferentes gêneros, do ensaio à crítica religiosa, da estética à reflexão sobre a história, dos *Éloges des savants* aos pontos discutidos em matéria de ciência. Espírito verdadeiramente enciclopédico, exerceu com maestria todos esses diferentes campos do saber. Reuniu esses trabalhos numa obra intitulada *Mélanges de littérature, d'histoire et de philosophie*, publicados em cinco volumes, durante sua vida. Obra absolutamente indispensável para quem quer conhecer o pensamento francês do século XVIII.

A história das ideias é muitas vezes caprichosa. Dessa abundante e importante produção teórica, ela nos legou a imagem de um grande matemático e do autor do “Discurso preliminar”. O resto de sua obra caiu praticamente no esquecimento. Situação curiosa. Isso talvez se deva ao fato de que D’Alembert não possuía esse dom ferino da crítica e da ironia, como Voltaire, nem essa prodigiosa capacidade de desenvolver e mover-se sobre paradoxos, como Rousseau, nem caía nos excessos provocadores e assustadores, como é o caso dos chamados materialistas franceses. Não. A pena de D’Alembert é calma, quase fria. Discute as questões mais intrincadas de moral e metafísica, por exemplo, como quem demonstra um teorema ou a impossibilidade de demonstrá-lo. Seu texto é a própria expressão dessa razão calma, paciente, segura de si e consciente de seus limites.

Se esses fatores podem nos fazer entender esse esquecimento, isso entretanto não o justifica. D’Alembert, exatamente por escapar dos excessos, talvez seja a expressão mais completa e acabada do pensamento iluminista. Seus textos, lidos e meditados, fornecem a justa medida para se avaliar esse século tão conturbado e tão dado a arroubos. Isso porque, nele, essa razão calma está longe da superficialidade e uma releitura metódica da sua obra só pode ser a ocasião para entendermos melhor esse movimento de pensamento.

É nesse sentido que esta série edita hoje um dos textos em que mais flagrantemente fica claro esse injusto esquecimento de boa parte da obra de D’Alembert. Estamos nos referindo ao *Ensaio sobre os elementos de filosofia*. O texto foi publicado originalmente no quarto volume das *Mélanges*, em 1759. No quinto volume, publicado em 1767, aparecem os *Esclarecimentos sobre os diferentes pontos dos Elementos de filosofia*. Esses esclarecimentos foram escritos sobretudo em função de observações enviadas a D’Alembert por Frederico II. D’Alembert propunha-se alinhar esses esclarecimentos na sequência do capítulo correspondente. Foi essa so-



lução que adotaram alguns editores posteriores das obras do autor, como Belin (1821), que seguimos aqui.

Com relação ao texto, eliminaram-se apenas alguns capítulos mais técnicos e que hoje não são significativos, a não ser para o historiador da ciência, como, por exemplo, os que tratam da hidrostática e da hidráulica.

No Apêndice, o leitor encontrará um complemento verdadeiramente precioso. Trata-se dos “Elementos das ciências”, originalmente um verbete escrito para a *Enciclopédia*. Além de os dois textos (*Elementos de filosofia* e “Elementos das ciências”) iluminarem-se reciprocamente em muitos pontos, constituem um instrumento de trabalho indispensável para quem quer elucidar esse conceito central do pensamento iluminista que é o de *elemento*.



ENSAIO SOBRE OS  
ELEMENTOS DE FILOSOFIA  
OU SOBRE OS PRINCÍPIOS DOS  
CONHECIMENTOS HUMANOS

A tradutora agradece à professora Maria das Graças de Souza, Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

## QUADRO DO ESPÍRITO HUMANO EM MEADOS DO SÉCULO XVIII

Parece que há cerca de 300 anos a natureza destinou aos meados de cada século o momento de uma revolução no espírito humano. A tomada de Constantinopla em meados do século XV fez renascer as Letras no Ocidente. O meio do século XVI viu mudar rapidamente a religião e o sistema de uma grande parte da Europa; os novos dogmas dos reformadores, por um lado sustentados e por outro combatidos com esse calor que somente os interesses de Deus, bem ou mal entendidos, podem inspirar nos homens, obrigaram da mesma forma seus partidários e seus adversários a instruírem-se; a emulação, animada por esse grandioso motivo, fez multiplicar os conhecimentos de todo tipo; a luz, nascida do erro e da confusão, espalhou-se por sobre os próprios objetos que pareciam mais estranhos a essas disputas<sup>1</sup>. Descartes, em meados do século XVII, fundou uma nova filosofia, que foi inicialmente per-

1 Tomo aqui a época do protestantismo no Concílio de Trento, iniciado em 1545, que, por assim dizer, traçou a linha de separação entre os católicos e os protestantes.

seguida com fúria, em seguida abraçada com superstição e hoje reduzida ao que de útil e verdadeiro contém<sup>2</sup>.

Por pouco que se observe com olhos atentos o meio do século em que vivemos, os acontecimentos que nos perturbam ou pelo menos nos ocupam, os nossos costumes, nossos trabalhos e até nossas conversas — sem dificuldade, percebe-se que em muitos aspectos houve uma notável mudança em nossas ideias; mudança esta que, pela rapidez, parece nos prometer uma outra, ainda maior. É o momento de fixar o objeto, a natureza e os limites dessa revolução, cujos inconvenientes e vantagens a posteridade conhecerá melhor do que nós.

Todo século que pense bem ou mal, desde que acredite pensar, e que pense de maneira diferente do século que o precedeu, adorna-se com o título de filósofo; da mesma forma que muitas vezes se honra com o título de sábios os que não têm outro mérito senão o de contradizer os seus contemporâneos. Assim, o nosso século chama-se por excelência o século da filosofia; muitos autores deram-lhe esse nome persuadidos de que assim algum brilho sobre si recairia; outros lhe recusam essa glória, na impotência de partilhá-la.

Quando examinamos com isenção o estado atual de nossos conhecimentos, não podemos deixar de concordar com os progressos da filosofia entre nós. A ciência da natureza a cada dia adquire novas riquezas: a geometria, ao recuar seus limites, levou sua chama às partes da física que dela se encontravam mais próximas; o verdadeiro sistema do mundo passou a ser conhecido, foi desenvolvido e aperfeiçoado; a mesma sagacidade que sujeitou os movimentos dos corpos celestes estendeu-se aos corpos que nos rodeiam; aplicando-se a geometria ao estudo desses corpos, ou na

2 A filosofia de Descartes só começou propriamente a disseminar-se após sua morte, que ocorreu em 1650.

tentativa de aplicá-la a eles, aprendemos a perceber e a determinar as vantagens e os abusos desse emprego. Enfim, da Terra a Saturno, da história dos céus à dos insetos, a física mudou sua feição. Com ela, quase todas as outras ciências assumiram uma nova forma, como realmente deveriam. Algumas reflexões disso nos convencerão.

O estudo da natureza parece em si frio e tranquilo, porque a satisfação que busca é um sentimento uniforme, contínuo e sem abalos; para serem intensos, os prazeres devem estar separados por intervalos e marcados por entradas. Todavia, a invenção e o uso de um novo método de filosofar, a espécie de entusiasmo que acompanha as descobertas, uma certa elevação de ideias que em nós produz o espetáculo do universo — todas essas causas excitaram certamente uma viva fermentação nos espíritos. Essa fermentação, agindo em todos os sentidos por sua própria natureza, atingiu com uma certa violência tudo que a ela se ofereceu, como um rio que rompeu os seus diques. Ora, os homens não retornam a um objeto de que descuidaram por muito tempo senão para, bem ou mal, reformar as ideias que dele fizeram. Quanto mais eles são lentos em sacudir o jugo da opinião, mais são também levados a romper todo o resto, já que o despedaçaram em alguns pontos, pois fogem ainda mais do estorvo de examinar do que receiam mudar de opinião e, uma vez se dando ao cuidado de voltar sobre os próprios passos, consideram e recebem um novo sistema de ideias como uma espécie de recompensa por sua coragem e seu trabalho. Assim, desde os princípios das ciências profanas até os fundamentos da revelação, da metafísica às questões de gosto, da música à moral, das discussões escolásticas dos teólogos aos objetos do comércio, dos direitos dos príncipes aos dos homens, da lei natural às leis arbitrárias das nações, enfim, desde as questões que mais nos tocam às que pouco nos interessam, tudo foi discutido, analisado ou pelo menos agitado. O fruto ou resultado dessa efervescência generalizada dos espíritos tem sido uma nova luz sobre alguns objetos,

uma nova obscuridade sobre muitos, assim como os efeitos do fluxo e do refluxo do oceano levam ao rio certas matérias e dele afastam outras.



## INTENÇÃO DESTA OBRA

Observando o quadro que acabamos de apresentar, parece que a razão se tenha repousado durante mais de mil anos de barbárie, para manifestar em seguida seu renascimento e sua ação através de esforços reiterados e vigorosos. Essas revoluções do espírito humano, essa espécie de sacudidas que de tempos a tempos ele recebe da natureza, são um objeto agradável, sobretudo instrutivo, para um espectador filósofo. Seria desejável que tivéssemos um quadro exato de cada época. Se essa interessante parte da história do mundo tivesse sido menos descuidada, as ciências não teriam avançado tão lentamente. Os homens teriam sempre diante dos olhos o progresso ou a obra de seus predecessores e cada século, por uma emulação natural, teria tido o zelo de ajuntar algo ao sedimento que lhes deixaram os séculos precedentes — cada ciência teria se desenvolvido como a astronomia, que se enriquece e se aperfeiçoa a cada dia com observações novas somadas às antigas.

Uma sociedade de letrados tentou fazer para o nosso século e para os próximos aquilo que censuramos, com razão, não terem nossos ancestrais feito por nós. O plano da *Enciclopédia* surgiu com essa perspectiva. Nós nos esforçamos por fazer sentir em ou-

tro texto<sup>1</sup> o auxílio que os nossos contemporâneos e nossos descendentes daí poderão extrair, quando menos não seja, para fazer um outro melhor. O que o público já viu daquela obra faz desejar que ela não seja nem oprimida por seus inimigos nem abandonada ou degradada por seus autores. Contudo, quer nossos contemporâneos tenham a vantagem de encerrar com felicidade empreendimento tão grandioso, quer essa honra esteja reservada à geração seguinte e a momentos mais favoráveis, será permitido colocarmos sob os olhos dos letrados os projetos que poderão concorrer para aperfeiçoá-la. Dentre a multidão de verdades que a *Enciclopédia* abrange, que em vão se procurava apreender todas juntas, algumas há que se elevam e dominam as outras, como se fossem pontas de rochedos em meio a um mar imenso. Essas verdades que mais importa conhecer, reunidas e aproximadas nos *Elementos de filosofia*, que serviriam de introdução à *Enciclopédia*, sem dúvida tornariam a utilidade dessa grande obra mais geral e mais certa. Entremos aí em alguns detalhes.

A história geral e raciocinada das ciências e das artes encerra quatro grandes objetos: nossos conhecimentos, nossas opiniões, nossas controvérsias e nossos equívocos. A história de nossos conhecimentos desvenda para nós as nossas riquezas — ou antes, a nossa indigência real. Por um lado, humilha o homem, mostrando-lhe quão pouco ele sabe; por outro, ela o eleva e estimula, consola-o ao menos, desenvolvendo os múltiplos usos que ele soube fazer de um número pequeno de noções claras e certas. A história de nossas opiniões nos faz ver como os homens, por necessidade ou por impaciência, substituíram, com graus variados de sucesso, a verdade pela verossimilhança. Ela nos mostra como o que antes não passava de provável, tornou-se verdadeiro por força de ter sido remanejado, aprofundado e depurado pelos sucessivos trabalhos de muitos

1 Ver o “Discurso preliminar” da *Enciclopédia* e o Prefácio do terceiro volume da mesma obra, tomo I das *Mélanges*.

séculos. Ela oferece à nossa sagacidade e à de nossos descendentes os fatos a verificar, pistas a seguir, conjecturas a aprofundar, conhecimentos iniciados a aperfeiçoar. A história de nossas disputas mostra o abuso de palavras e de noções vagas, o avanço das ciências retardado por questões de nome, as paixões sob a máscara do zelo, a obstinação sob o nome de firmeza. Ela nos faz sentir o quanto as contestações são pouco feitas para trazer a luz; o quanto, no mesmo instante em que deslizam sobre determinados objetos, são turbulentas e perigosas. Esse estudo, o menos útil para aumentar nossos conhecimentos reais, deveria ser o mais apropriado a nos transformar em sábios — mas nisso, como em todo o restante, o exemplo dos outros é sempre perdido para nós. Enfim, a história de nossos erros mais notáveis, seja por sua semelhança com a verdade, seja por sua duração, seja pelo número ou importância dos homens que seduziram, ensina a desconfiarmos de nós mesmos e dos outros. Além do mais, apontando os caminhos que se afastaram do verdadeiro, ela nos facilita a busca da verdadeira senda que leva a ele. Parece que a natureza se estudou para multiplicar os obstáculos desse gênero. O falso espírito se desgarrar, preferindo as vias difíceis e tortuosas ao caminho simples; o espírito justo se engana às vezes, tomando, como deveria, a rota que lhe parece mais natural — assim, o erro de alguma forma deve necessariamente preceder a verdade. Contudo, o próprio erro deve tornar-se instrutivo, poupando aos que nos seguirão passos inúteis. Os caminhos enganosos que seduziram e perderam tantos grandes homens distanciaram-nos do verdadeiro, como a eles. Foi preciso que eles os experimentassem, para que conhecêssemos suas dificuldades. Assim o filósofo especulativo se aproveita dos erros de seus semelhantes, como o filósofo prático dos equívocos e da infelicidade de outrem. Assim as nações que o jugo da superstição e do despotismo retém ainda nas trevas um dia aproveitarão, se afinal conseguirem romper suas cadeias, contradições que as verdades de todo tipo experimentaram entre nós. Esclarecidas pelo nosso exemplo, num

instante franquearão a imensa carreira de erros e de preconceitos em que mil obstáculos nos retiveram durante tantos séculos e subitamente passarão da mais profunda obscuridade à verdadeira filosofia que só encontramos lentamente e como que às cegas.

Entretanto, dos quatro grandes objetos que acabamos de apresentar a nossos leitores, e que são a matéria importante da *Enciclopédia*, não há nenhum que nos possa esclarecer mais e que, portanto, seja o mais digno de ser transmitido a nossos descendentes do que o quadro de nossos reais conhecimentos. É a história e o elogio do espírito humano; o resto é apenas seu romance ou sua sátira. Esse quadro é o único que a marca da verdade torna imutável, ao passo que os outros mudam ou se apagam. Parece que até os três outros objetos, ainda que muito úteis, não passem de uma espécie de expediente a que recorremos na ausência de algum bem mais sólido. Quanto mais se obtêm luzes sobre um objeto, menos nos ocupamos com opiniões falsas ou duvidosas que ele produziu. Não se procura então conhecer a história do que pensaram os homens, na falta de ideias fixas e luminosas em que pudéssemos nos deter. Através dessa aparência verdadeira ou falsa de saber, esforçamo-nos por suprir o quanto possível a ciência verdadeira. Por essa razão é que a história dos sofismas é tão curta em matemática e tão longa em filosofia.

Nada seria, portanto, mais útil do que uma obra que contivesse não o que se pensou em todos os séculos, mas apenas o que de verdadeiro foi pensado. Esse plano bastante aprofundado não é menos imenso do que parece. Não se trata aqui de reunir essa multidão de conhecimentos particulares, isolados e muitas vezes estéreis que os homens adquiriram sobre cada matéria. Também não se trata de mostrar em detalhe o caminho longo, penoso e tortuoso que os inventores seguiram. Trata-se, sim, de fixar e recolher os princípios de nossos conhecimentos certos, de apresentar sob um mesmo ponto de vista as verdades fundamentais, de reduzir os objetos de cada ciência particular para percorrê-los mais facilmente, em pon-